



**PROTAGONISMO FEMININO NO COOPERATIVISMO GAÚCHO:
AVANÇOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A EQUIDADE DE GÊNERO**

***FEMALE PROTAGONISM IN GAÚCHO COOPERATIVISM: ADVANCES,
CHALLENGES AND PERSPECTIVES FOR GENDER EQUITY***

Autor(es): Viviane Rossato Laimer

Filiação: Escola Superior do Cooperativismo (ESCOOP/RS)

E-mail: viviane.laimer@sescoopr.coop.br

Autor(es): Cinara Neumann Alves

Filiação: Escola Superior do Cooperativismo (ESCOOP/RS)

E-mail: cinara-alves@sescoopr.coop.br

Eixo temático: 3.2 Educação, inovação e diversidade

Resumo

Este estudo investiga a participação das mulheres no cooperativismo no estado do Rio Grande do Sul, com ênfase nos ramos agropecuário e de crédito. A pesquisa, de natureza qualitativa e exploratória, baseou-se em análise bibliográfica e documental de teses, dissertações, artigos científicos e relatórios institucionais. Os resultados revelam que, embora haja aumento na presença feminina nas cooperativas gaúchas, sua participação em cargos de gestão ainda é limitada por barreiras estruturais e culturais. Também foram identificadas experiências exitosas de protagonismo feminino em cooperativas autogeridas. O estudo conclui que a efetiva promoção da equidade de gênero no cooperativismo requer a institucionalização de políticas inclusivas, programas de formação e uma cultura organizacional aberta à diversidade.



Palavras-chave: cooperativismo, gênero, mulheres, liderança feminina, Rio Grande do Sul.

Abstract

This study investigates the participation of women in cooperativism in the state of Rio Grande do Sul, focusing on the agricultural and credit sectors. This qualitative and exploratory research was based on bibliographic and documentary analysis of theses, dissertations, scientific articles, and institutional reports. The results show that although female presence in cooperatives has grown, their participation in management positions remains limited by structural and cultural barriers. Successful cases of female leadership in self-managed cooperatives were also identified. The study concludes that promoting gender equity in cooperativism requires the institutionalization of inclusive policies, leadership development programs, and an organizational culture open to diversity.

Keywords: cooperativism, gender, women, female leadership, Rio Grande do Sul

1. Introdução

A participação das mulheres em espaços de decisão e produção econômica vem sendo alvo de crescente atenção acadêmica e política, especialmente no contexto do cooperativismo. No estado do Rio Grande do Sul, onde o movimento cooperativista possui raízes históricas profundas e abrange diversos ramos econômicos — agropecuário, crédito, saúde, trabalho e produção — o papel das mulheres tem ganhado visibilidade, mas ainda enfrenta desafios quanto à equidade e representatividade (Gabatz e Angelin, 2022).

De acordo com dados da OCB/RS e relatórios locais de cooperativas como a COTRIJUÍ, localizada em Ijuí/RS, as mulheres vêm ampliando sua presença tanto como associadas quanto em funções estratégicas, embora persistam disparidades nas esferas



diretivas e políticas das cooperativas (UNIJUÍ, 2021). Essa tendência é reflexo de mudanças socioculturais, mas também da atuação de programas de educação cooperativa e políticas de inclusão regional, que buscam fomentar o protagonismo feminino no cooperativismo gaúcho.

Autores como Del Pretti (2017) e Piccin (2021) destacam que, especialmente no interior do estado, mulheres rurais e urbanas têm constituído coletivos cooperados autogeridos, seja em processos agroindustriais, seja no artesanato, confecção têxtil ou reciclagem. Essas experiências são fundamentais não apenas para geração de renda, mas para o fortalecimento da cidadania e da identidade feminina coletiva.

Diante da importância histórica e econômica do cooperativismo no Rio Grande do Sul, torna-se necessário analisar como se configura a participação das mulheres nesse universo organizacional. Tal investigação é relevante para compreender os avanços e obstáculos enfrentados por essas mulheres no acesso à gestão, à propriedade coletiva e ao reconhecimento de suas capacidades produtivas. Além disso, contribui para ampliar o debate sobre equidade de gênero em contextos associativos.

Pergunta de pesquisa que se propõe a responder: Como se caracteriza a participação das mulheres no cooperativismo do Rio Grande do Sul e quais os principais fatores que influenciam sua atuação e protagonismo nos diferentes ramos cooperativos?

Como objetivo Geral se oferta investigar o perfil da participação feminina no cooperativismo do estado do Rio Grande do Sul, identificando padrões de atuação, barreiras enfrentadas e potencialidades de protagonismo. Para o atendimento deste objetivo será necessário:

- Levantar dados quantitativos sobre a presença de mulheres como cooperadas e dirigentes em cooperativas gaúchas;
- Analisar experiências de cooperativas femininas e mistas com protagonismo feminino no estado;
- Compreender os fatores socioculturais, organizacionais e econômicos que impactam essa participação;



- Identificar políticas públicas e práticas internas que promovem a inclusão e valorização das mulheres no cooperativismo.

2. Revisão de Literatura

Mallmann (2024) analisa a participação feminina na gestão de cooperativas do agronegócio no Rio Grande do Sul e aponta que, embora a presença das mulheres como associadas tenha aumentado nas últimas décadas, a ocupação de espaços de poder e decisão ainda é limitada. Segundo o autor, essa exclusão ocorre não apenas por barreiras estruturais, mas também pela reprodução de um modelo de liderança masculinizado, pouco permeável à diversidade. Mallmann destaca que mesmo em cooperativas com ampla presença feminina na base associativa, há resistências culturais à ascensão de mulheres aos conselhos administrativos.

Liszbinski et al. (2024) abordam os desafios enfrentados por mulheres em cargos de liderança em cooperativas de crédito do noroeste do estado gaúcho. A pesquisa revela que, apesar dos avanços legais e institucionais em relação à equidade de gênero, persiste o chamado “teto de vidro”, uma barreira invisível que dificulta o avanço profissional feminino. Os autores identificaram que muitas colaboradoras possuem as competências necessárias para liderar, mas encontram obstáculos simbólicos e estruturais que as afastam das decisões estratégicas. O estudo reforça a importância de programas de formação em liderança voltados especificamente para mulheres cooperadas.

Gabatz e Angelin (2022), ao investigarem a experiência do Programa de Cooperativismo nas Escolas (PCE), desenvolvido em regiões como a Fronteira Noroeste e Missões do RS, argumentam que a educação cooperativista é um dos principais caminhos para a ampliação da participação das mulheres. Segundo os autores, quanto mais cedo os princípios de equidade e gestão democrática são trabalhados em contextos educativos formais e não formais, maiores são as chances de transformação institucional.



A pesquisa mostra que mulheres jovens expostas ao PCE demonstram mais disposição para ocupar espaços de liderança no futuro.

Del Pretti (2017), ao estudar a cadeia têxtil da Justa Trama — cooperativa central com sede no RS — aponta que a autogestão praticada por mulheres cooperadas representa um modelo alternativo de trabalho e resistência econômica. A autora destaca que a participação feminina está associada à construção de identidades coletivas fortes, e que a liderança compartilhada rompe com a lógica empresarial tradicional. Para ela, o cooperativismo praticado por mulheres tende a ser mais inclusivo e voltado ao bem comum, embora enfrente dificuldades em ambientes institucionalmente conservadores.

Piccin (2021), em sua análise histórico-sociológica do patronato estancieiro gaúcho, oferece uma perspectiva crítica sobre as origens das assimetrias de gênero no meio rural do Rio Grande do Sul. Embora seu estudo não trate exclusivamente do cooperativismo, ele explica como as estruturas patriarcais herdadas da elite agrária ainda moldam o comportamento organizacional de cooperativas rurais. Para o autor, a ruptura com essas heranças culturais é condição necessária para a consolidação de uma participação equitativa das mulheres nos espaços associativos e econômicos do estado.

3. Metodologia

Este estudo adota uma abordagem metodológica qualitativa e exploratória, com base em pesquisa bibliográfica e documental. O objetivo foi compreender e analisar, em profundidade, os aspectos que caracterizam a participação das mulheres no cooperativismo no Rio Grande do Sul, especialmente nos ramos agropecuário e de crédito. A opção por uma abordagem qualitativa justifica-se pela intenção de interpretar significados, contextos e experiências sociais vividas, com base em narrativas documentadas e discursos acadêmicos (Minayo, 2001).

A pesquisa é de natureza qualitativa e se enquadra no campo exploratório, pois busca conhecer e descrever fenômenos ainda pouco aprofundados na literatura local, com



foco em evidências não estatísticas, mas sim compreensivas e descritivas (Gil, 2008). Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa privilegia a subjetividade, a complexidade dos fenômenos sociais e o papel do pesquisador como intérprete da realidade.

A estratégia metodológica envolveu duas vertentes principais:

- Pesquisa bibliográfica, que consistiu na leitura e análise de obras acadêmicas (artigos, dissertações, teses) obtidas nas bases Google Scholar, Teses da USP, Domínio Público, e repositórios científicos como o da UFRGS e UNIJUÍ. De acordo com Lakatos e Marconi (2017), a pesquisa bibliográfica é fundamental para compreender o estado da arte sobre o tema e localizar as principais contribuições teóricas já produzidas.
- Pesquisa documental, voltada para a análise de relatórios institucionais da OCB/RS, dados da Secretaria de Desenvolvimento Rural do RS, registros de cooperativas locais (como COTRIJUÍ, Unicred e Justa Trama), além de legislações e documentos de políticas públicas de gênero. Como afirmam Cellard (2008) e Severino (2007), a análise documental permite extrair significados sociais, culturais e institucionais contidos em fontes primárias.

Critérios de Seleção do Material

Os critérios adotados para a seleção das fontes foram:

- Textos publicados entre 2010 e 2024;
- Enfoque específico em participação feminina em cooperativas gaúchas;
- Disponibilidade de análise qualitativa ou estudo de caso;
- Fontes acessíveis em repositórios públicos confiáveis ou editoras acadêmicas.

Foram selecionadas 10 fontes bibliográficas e 5 fontes documentais institucionais, totalizando 15 documentos utilizados na análise.

A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo temática, segundo a proposta de Bardin (2011). Essa técnica permite identificar, categorizar e interpretar núcleos de sentido presentes nos textos, organizando-os em eixos temáticos. As etapas aplicadas foram:



1. Leitura dos documentos;
2. Codificação das unidades de registro (frases, trechos ou parágrafos com sentido completo);
3. Agrupamento por categorias temáticas, definidas a priori:
 - Presença feminina na base associativa;
 - Participação em cargos de gestão;
 - Barreiras institucionais e culturais;
 - Práticas e políticas de inclusão;
 - Experiências de liderança feminina.

Essa técnica analítica permitiu uma leitura crítica do material, favorecendo a triangulação entre evidências empíricas (dados documentais) e teóricas (literatura científica).

4. Análise dos Resultados

Presença feminina nas cooperativas gaúchas

Os dados da OCB/RS (2023) revelam que as mulheres representam cerca de 31% do total de cooperados no estado do Rio Grande do Sul, com maior concentração nos ramos de crédito, saúde e trabalho e produção. No ramo agropecuário, que possui significativa expressão econômica no estado, a participação feminina ainda é inferior a 20%, sobretudo nas cooperativas de médio e grande porte. Isso indica uma segmentação de gênero na composição associativa por ramo.

Mallmann (2024) confirma que, mesmo em cooperativas com presença expressiva de mulheres na base, como no ramo da agricultura familiar, a representatividade feminina nas instâncias de decisão continua reduzida. O autor identifica que, em muitos casos, as mulheres estão formalmente cadastradas como cooperadas, mas a participação ativa nas assembleias ou nos conselhos é delegada a cônjuges ou filhos homens.



Barreiras à participação em cargos de gestão

O fenômeno conhecido como “teto de vidro” foi identificado como uma das principais barreiras à ascensão das mulheres em cargos de liderança. Liszbinski et al. (2024) mostram que, mesmo em cooperativas que promovem discursos de equidade de gênero, os conselhos de administração e diretorias executivas permanecem predominantemente masculinos. Entre os fatores apontados estão a cultura organizacional conservadora, a falta de estímulo interno para o desenvolvimento de lideranças femininas e o tempo reduzido das mulheres devido à sobreposição das tarefas produtivas e reprodutivas.

Adicionalmente, há ausência de políticas internas claras para promoção de mulheres, como cotas de gênero, programas de mentoria ou incentivos à formação continuada com recorte de gênero.

Experiências exitosas de protagonismo feminino

Apesar das dificuldades, o estudo identificou casos de cooperativas lideradas por mulheres no estado, especialmente nos segmentos de produção artesanal, confecção e reciclagem, como no caso da Justa Trama. Del Pretti (2017) analisou a trajetória desta cooperativa e apontou que sua autogestão feminina promove inclusão produtiva com base na solidariedade, sustentabilidade e valorização do saber coletivo. A liderança exercida pelas mulheres na Justa Trama é horizontal, participativa e pautada na construção de identidades cooperativas voltadas à equidade.

Outros exemplos foram encontrados em cooperativas de crédito vinculadas à Unicred RS, que em 2021 iniciou o programa "Líderes do Futuro", com foco na capacitação de jovens mulheres para atuação nos conselhos e comitês internos (OCB/RS, 2023). Essas iniciativas apontam que estratégias de formação e empoderamento têm potencial de transformar a estrutura das cooperativas a médio e longo prazo.

Percepção das cooperativas sobre equidade de gênero



A pesquisa documental demonstrou que a maioria das cooperativas do estado ainda não possui uma política de equidade de gênero institucionalizada. Os dados sugerem que o reconhecimento da importância da diversidade de gênero ainda está em estágio incipiente em muitas organizações, restringindo-se a ações pontuais ou discursivas.

Gabatz e Angelin (2022), ao analisarem o Programa de Cooperativismo nas Escolas (PCE), argumentam que somente com formação sistemática e contínua sobre os princípios cooperativistas com ênfase em justiça de gênero, será possível ampliar a participação das mulheres de forma transformadora e duradoura.

Essa análise evidencia que, embora haja avanços graduais e experiências inovadoras, o cooperativismo no Rio Grande do Sul ainda reproduz desigualdades de gênero históricas, principalmente nas estruturas decisórias. A ampliação da participação feminina depende da criação de ambientes institucionais mais receptivos, horizontais e pedagógicos, alinhados com os valores democráticos do cooperativismo.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo investigar a participação das mulheres no cooperativismo no estado do Rio Grande do Sul, analisando o perfil de atuação, os entraves enfrentados e as oportunidades de protagonismo feminino, especialmente nos ramos agropecuário e de crédito. Para isso, foram estabelecidos objetivos específicos voltados à coleta e análise de dados sobre representatividade, à identificação de experiências exitosas e à compreensão dos fatores socioculturais que influenciam essa participação.

Os objetivos foram atendidos, a partir de uma análise qualitativa ancorada em fontes bibliográficas, documentais e dados institucionais. Identificou-se que as mulheres representam uma parcela significativa da base cooperada, mas que sua presença nos espaços de gestão e deliberação ainda é desproporcional. Também foram destacadas



experiências relevantes de cooperativas lideradas por mulheres, que demonstram o potencial do modelo cooperativo como instrumento de emancipação econômica, social e simbólica.

Entretanto, o estudo apresentou limitações inerentes à sua abordagem. Por tratar-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, não foram realizadas entrevistas ou coleta direta de dados primários com mulheres cooperadas, o que poderia enriquecer ainda mais as análises com percepções individuais e relatos de vivência. Além disso, a carência de dados sistematizados e atualizados sobre a presença de mulheres em cargos de liderança nas cooperativas do estado impôs dificuldades à quantificação precisa.

Em termos de contribuição, esta pesquisa oferece um panorama atual e fundamentado da presença feminina no cooperativismo gaúcho, trazendo à tona questões estruturais e culturais que precisam ser enfrentadas pelas organizações cooperativas. Ao apontar as barreiras invisíveis (como o "teto de vidro") e destacar iniciativas transformadoras como a da Justa Trama, o trabalho contribui para fortalecer o debate sobre equidade de gênero nas organizações associativas. Também oferece subsídios para gestores, dirigentes e formuladores de políticas públicas voltadas ao cooperativismo.

Como sugestões para futuros estudos, recomenda-se:

- A realização de pesquisas empíricas com entrevistas, grupos focais ou surveys com mulheres cooperadas de diferentes ramos e regiões do estado;
- Análises comparativas entre cooperativas com e sem políticas de gênero institucionalizadas, para avaliar o impacto de tais práticas;
- Investigações sobre a formação de lideranças femininas jovens no cooperativismo escolar ou universitário;
- Estudos que explorem o entrecruzamento entre gênero, raça e classe no contexto cooperativo, ampliando o olhar interseccional.

Conclui-se, portanto, que o cooperativismo, por sua essência democrática, colaborativa e voltada ao bem comum, possui todas as condições para ser um ambiente promotor de equidade e transformação social. Para isso, é necessário que seus valores não



permaneçam apenas nos princípios, mas se traduzam em práticas concretas, inclusivas e plurais — com as mulheres como protagonistas desse processo.

Referências

- BARDIN, L.** *Análise de conteúdo*. 3. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CELLARD, A.** A análise documental. In: POUPART, J. et al. (org.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295–316.
- DEL PRETTI, A. P.** *O capital social: investimento de sucesso. Estudos de caso da Cooperativa Central Justa Trama* [Dissertação (Mestrado em Educação)]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/172304>. Acesso em: 17 maio 2025.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S.** *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e práticas*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GABATZ, C.; ANGELIN, R.** Os meandros do cooperativismo e da educação popular: divisando o Programa de Cooperativismo nas Escolas (PCE) nas Regiões Fronteira Noroeste e Missões do RS. In: ALMEIDA, M. C. A.; ROCHA, L. F. (org.). *Educação popular: epistemologias latino-americanas*. São Paulo: Duna Editorial, 2022. p. 86–104.
- GIL, A. C.** *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.** *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- LISZBINSKI, M. T.; MALLMANN, R. L.; DALPIAZ, T. M.** Desafios enfrentados por mulheres em cargos de liderança em cooperativas de crédito. *Boletim de Estudos em Gênero e Gestão*, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 1–16, 2024. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/BEGG/article/view/28558>. Acesso em: 17 maio 2025.



- MALLMANN, R. L.** A atuação das mulheres na gestão de cooperativas do agronegócio: um estudo multicaso no Rio Grande do Sul. *Observatório de Latinoamérica*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 1–20, 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/observatorio/article/view/63658>. Acesso em: 17 maio 2025.
- MINAYO, M. C. S.** *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.
- OCB – ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS.** *Anuário do Cooperativismo Brasileiro 2023*. Brasília: Sistema OCB, 2023. Disponível em: <https://www.ocb.org.br/publicacao/anuario-do-cooperativismo-brasileiro-2023>. Acesso em: 17 maio 2025.
- PICCIN, M. B.** *Senhores de terra, senhores de guerra: sociologia histórica do patronato estancieiro do Rio Grande do Sul (1920-2019)*. São Paulo: Google Books, 2021. Disponível em: <https://books.google.com/books?id=g7zMzQEACAAJ>. Acesso em: 17 maio 2025.
- SEVERINO, A. J.** *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.